

Governo usa a sucessão para adotar choque

Augusto Fonseca

BRASÍLIA — O aquecimento da corrida sucessória era o momento que o presidente José Sarney estava aguardando desde o início do ano para tomar medidas que considera impopulares, mas necessárias para o cumprimento de uma das principais promessas que costuma fazer em seus pronunciamentos: entregar a seu sucessor o país com a economia normalizada. O choque ortodoxo que o governo começa a colocar em prática agora já faz parte dessa estratégia. O presidente considera o momento político adequado: as forças políticas estão mais preocupadas em detonar o líder das pesquisas eleitorais, Fernando Collor de Mello, do que em vigiar as ações do Governo.

Fechar e privatizar estatais, demitir funcionários públicos, aumentar a fiscalização tributária, impedir reajustes mensais de salários e aumentar a taxa de juros são medidas que o presidente reconhece como primordiais para colocar a economia nos eixos. Ele tem consciência que o resultado dessa conjugação é um quadro recessivo, mas está convicto de que só dessa forma obterá resultados concretos na luta contra a inflação, uma inimiga que já o derrotou três vezes quando adotou armas heterodoxas no combate.

Na trilha do raciocínio político, Sar-

ney acredita que tem as condições ideais para ficar à vontade e adotar medidas impopulares. Além das atenções dos adversários voltadas para Collor, o presidente da República não tem candidato à sua sucessão. Ou seja, Sarney não se sente com as amarras que impediram o presidente da Argentina, Raul Alfonsín, de adotar medidas anti-populares, que recairiam na subtração de votos de seu candidato da União Cívica Radical (UCR), Miguel Angeluz.

O presidente José Sarney tem reiterado que sua missão básica ao assumir o Governo era promover a transição plena para a democracia. No meio do caminho percebeu que essa tarefa passava pela normalização da economia já que, no seu entender, a inflação é a maior inimiga das democracias do Cone Sul. Passou a eleger, então, duas tarefas primordiais: entregar a seu sucessor o país redemocratizado e com a economia normalizada.

Com o calendário eleitoral a pleno vapor, Sarney acredita que sua primeira tarefa está cumprida, com o país marchando para a redemocratização plena. As eleições de 15 de novembro, acredita, completam o ciclo transitório. Falta, agora, colocar a economia nos eixos. Nessa tarefa impopular o presidente raciocina que deixará de receber críticas até mesmo de seus opositores. Ele acredita que está poupando preciosos pontos no Ibope ao seu sucessor, que se veria livre de adotar as medidas que Sarney está adotando agora. Novamente o presidente recorre à experiência argentina, onde o presidente eleito, Carlos Menem, terá que assumir o Governo decepcionando seus eleitores com atitudes anti-populares.